

DA COR DO BRASIL

Um estudo sobre o frevo

Frederico José Bérghamo de Andrade

Cel Art Ex

“A minha gente sofrida despediu-se da dor ao ver a banda passar...”

Chico Buarque de Hollanda

A cultura popular brasileira, fonte permanente de inspiração para o imaginário deste rico e imenso mundo mítico chamado Brasil, continua sendo um dos mais fortes instrumentos de preservação da identidade brasileira. No campo musical e também coreográfico, uma das suas mais vibrantes manifestações é o frevo pernambucano, hoje considerado patrimônio cultural da humanidade.

Envolto em uma atmosfera abolicionista, surgiram os primeiros clubes carnavalescos do Recife, compostos, majoritariamente, por negros e mulatos, sob a forma de corporações profissionais: o Clube das Pás, que congregava os carvoeiros; o Vassourinhas, os lixeiros, e assim por diante. Em tempo anterior, não muito distante, meados do século XIX, teria sido gerado o frevo pernambucano, a partir dos dobrados e das polca-marchas interpretadas pelas bandas militares do 4º Batalhão da Artilharia e da Guarda Nacional, popularmente denominadas de Bandas do “Quarto” e de “Espanha”. Esta última tinha como regente um espanhol, motivo de sua denominação popular.

Acompanhados pelos escravos, ditos capoeiras de Angola, os passos destes, as suas evoluções, acabaram por provocar um andamento mais rápido para a música, transformando-a inicialmente em marcha frevo e, posteriormente, em frevo de rua, no compasso musical em que hoje é executado.

Sobre os capoeiras e a capoeira, assim se manifesta Luís da Câmara Cascudo: “Capoeira: jogo atlético de origem negra introduzido no Brasil pelos escravos bantos de Angola, defensivo e ofensivo, espalhado pelo território e tradicional no Recife, cidade de Salvador e Rio de Janeiro [...]. Desde o princípio foi reprimido pela polícia [...] tornando, nas festas populares, um perigo de vida assistir à passagem das bandas de música [...]”.

No Recife, os capoeiras seguidores da Banda de sua predileção, armados de cacetes e facas de ponta, ao encontro das duas, partiam para um confronto quase sempre sangrento.

Viva o Quarto

Morra a Espanha

Cabeça Seca (o escravo)

É quem apanha

Ainda jovem, fui instado por uma socióloga americana, a quem muito deve a cultura popular pernambucana, a comparecer a um ensaio de uma orquestra de frevo em distante e pobre subúrbio do Recife. Lá chegando, deparei-me com um quadro verdadeiramente desolador. Os músicos, pobremente vestidos, aglomeravam-se em um estreito mocambo, onde em pequena mesa de canto se viam copos de papel e duas garrafas de pinga. Seus instrumentos, espalhados pelo chão de terra batida ou pelos cantos das paredes, se assim podem ser chamadas, disputavam espaço com eles. Um sargento da polícia militar de Pernambuco, mal fardado, com a túnica desabotoada, foi-me indicado como o condutor da orquestra. Mais do que um mero condutor de orquestra, o sargento representava para aquele povo humilde, a presença de uma “autoridade protetora do Estado”, costumeiramente ausente daquele distante e miserável logradouro, até então esquecido pelo poder público. Mesmo na penumbra era possível avistar, nas circunvizinhanças, os manguezais, presença natural constante na paisagem física das regiões mais pobres do Recife. Era o início da noite e o silêncio dominava aquele miserável ambiente. Eis que, ao apito do sargento, os músicos prontamente tomaram seus instrumentos e saíram para o relento, estruturando-se musicalmente para a execução do frevo: metais à frente, tubas à retaguarda.

Os primeiros acordes do frevo me soaram como as trombetas da ressurreição. As pessoas, em grande número, acorreram rapidamente. E a partir daí, era só alegria, muita alegria. Uma explosão de alegria! “A minha gente sofrida despediu-se da dor”.

Poucos gêneros musicais têm a capacidade de transmitir maior explosão de alegria do que o ritmo contagiante do frevo, a qual se manifesta principalmente através da dança. Na expressão de Capiba, grande compositor pernambucano, “quando a gente entra na dança” (no frevo), não se lembra de ninguém.

Nas orquestras de frevo, os metais, tais como os pistões, os trompetes e os trombones de vara, costumam dialogar musicalmente com as palhetas, clarinetes ou saxofones, ficando a marcação por conta das tubas em um verdadeiro concerto sinfônico no qual a prima dona, quando presente, é a requinta.

Música popular de um nível mais elevado de complexidade para sua elaboração, levou o maestro Guerra Peixe a considerar que só alguém possuidor de sólida formação musical, preferentemente de regência, teria a capacidade para compor um frevo.

O branco europeu predomina na sua origem musical. O negro africano na sua rica coreografia. Assim sendo, o frevo é mulato, a cor do Brasil.

O frevo, nas suas expressões musical e coreográfica, reflete o espírito libertário do povo pernambucano. Sua dança nos remete a alguns dos traços delineadores do caráter nacional, tais como: a criatividade, o individualismo e a capacidade de improvisação.